DE OLHO NA HISTÓRIA

# Conflito no Atlântico Sul

## Há 30 anos, eclodia a Guerra das Malvinas, entre Argentina e Reino Unido. Os britânicos têm a posse das ilhas, mas a disputa permanece

Uma disputa de quase 200 anos entre Argentina e Reino Unido ganhou novo fôlego perto do aniversário de 30 anos da Guerra das Malvinas. Em dezembro de 2011, o governo britânico anunciou que está renovando seus planos de defesa em relação às ilhas Malvinas, no sul do oceano Atlântico, para reagir a um acordo feito entre os países do Mercosul (Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai). Todos os membros do bloco passaram a proibir a passagem de embarcações com bandeira das Malvinas em seus portos, como medida de apoio à Argentina, que reivindica internacionalmente seu domínio sobre as ilhas.

O arquipélago, que fica a 400 quilômetros do litoral sul argentino, passa por um longo histórico de disputas. O primeiro a aportar nas Falklands (como as ilhas são chamadas pelos britânicos) foi o capitão inglês John Strong, em 1690. Depois, o local foi colonizado por franceses e, posteriormente, vendido à Espanha. Com a independência do domínio espanhol, em 1816, os argentinos declaram sua soberania sobre as Malvinas. Mas, em 1833, a Marinha britânica toma posse das ilhas.

A tensão permaneceu latente. Em 2 de abril de 1982, o Exército argentino invadiu a região e deu início à Guerra das Malvinas. As forças argentinas, basicamente compostas de recrutas do serviço militar, foram derrotadas e se renderam em 14 de junho. Ao final do conflito, morreram 649 soldados argentinos e 255 britânicos.

### Ditadura e a Dama de Ferro

Na época da Guerra das Malvinas, a Argentina vivia a crise do regime militar, um dos mais repressores formados na América do Sul. Estabelecido por um golpe de Estado em 1976, o regime se via desgastado, principalmente pela crise econômica que o país enfrentava e pela ação dos movimentos contra a repressão militar, que envolviam amplos setores da sociedade argentina. A decisão de ocupar militarmente as Malvinas foi tomada pelo general Leopoldo Galtieri, o chefe da ditadura na época, na tentativa de desviar a atenção da população sobre os problemas internos do país para o inimigo externo, representado pelo Reino Unido, e de unir os argentinos na luta pela retomada do território (uma aspiração que atravessava gerações).

O Reino Unido, na época, era comandado pela primeira-ministra Margaret Thatcher, do Partido Conservador. Era ainda o início de seu mandato, e sua reação foi dura: decidiu rapidamente mobilizar suas forças de guerra para defender as ilhas, uma das heranças do antigo Império Britânico, que controlava territórios em todos os continentes. Ao lado de outras atitudes, como o confronto com os sindicatos, sua atuação no conflito rendeu a Thatcher o apelido de Dama de Ferro.

No momento do combate, as Forças Armadas argentinas foram facilmente derrotadas pelos britânicos. O resultado deixou os argentinos furiosos e acabou precipitando a queda da ditadura.

EDUARDO FARRE/REUTERS

### Relações diplomáticas

No momento em que a guerra eclodiu, os Estados Unidos seriam, em tese, obrigados a apoiar a Argentina, por causa do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (Tiar). O acordo estabelece que qualquer ataque armado contra um Estado do continente americano seria considerado uma agressão contra todos os demais. Mas, na prática, os norte-americanos se aliaram aos ingleses, fornecendo a eles informações militares que facilitaram sua ação bélica.

O Chile, sob a ditadura do general Augusto Pinochet, também colaborou com os britânicos, em razão de uma disputa territorial travada com os argentinos em 1978 por motivo de limites de fronteira.

A França havia vendido às Forças Armadas argentinas os mísseis Exocet, de

**JORNAL NO FRONT**
**Soldados argentinos nas Malvinas, em abril de 1982, leem notícias da guerra: o otimismo não tinha fundamento**

sua fabricação. No entanto, os franceses usaram o argumento de que faz parte da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), aliança militar entre países europeus e os Estados Unidos, o fornecimento aos ingleses dos códigos que permitiam desviar os mísseis de seus alvos, logo depois que o primeiro Exocet disparado pelos argentinos afundou uma embarcação britânica.

O Brasil, dirigido pelo último presidente do regime militar, João Batista Figueiredo, tentou manter relativa distância do conflito, preocupado com a possibilidade de que britânicos, norte-americanos e europeus suspendessem as linhas de crédito ao país. Mesmo de longe, o Brasil pendeu para o lado argentino, facilitando a compra de aviões de guerra.

## *Kelpers*

O argumento diplomático utilizado pelos britânicos para manter seu domínio sobre as Malvinas é que os nativos, conhecidos como *kelpers*, preferem ficar ligados ao Reino Unido, como território ultramarino. Hoje, as ilhas têm cerca de 3 mil habitantes, em 12,1 mil quilômetros quadrados de extensão. A grande maioria dos moradores descende dos primeiros colonos britânicos.

A base da economia local são a criação de ovinos e a pesca. Para os britânicos, além da importância estratégica para o deslocamento de sua frota naval, as Malvinas agora têm um atrativo extra: foram descobertas reservas de petróleo no território, e sua exploração já está começando.

## *Episódios recentes*

Em 2009, a Argentina solicitou à Organização das Nações Unidas (ONU) a soberania sobre o espaço marinho em torno das Malvinas, também de olho na riqueza do petróleo. O governo britânico contesta o pedido. A tensão aumentou em fevereiro de 2010, quando uma companhia britânica iniciou a prospecção de petróleo na costa norte da Ilha Leste.

Desde o começo do mandato, em 2007, a atual presidente da Argentina, Cristina Kirchner, insiste na soberania argentina sobre as Malvinas. Já fez várias declarações em cúpulas regionais e mundiais exigindo o fim do domínio britânico sobre o território. A história vai longe. ☒